

Estudos de gênero e método teológico: corporeidade e androcentrismo como temas permanentes do quadrilátero wesleyano brasileiro

*Helmut Renders**

RESUMO

O artigo discute o potencial do método teológico chamado quadrilátero wesleyano brasileiro em relação ao método do estudo do gênero, sob consideração especial da categoria da criação. Por sua integração nos anos 1980, o quadrilátero wesleyano brasileiro se transforma numa ferramenta para superar teologias androcêntricas e desenvolver uma hermenêutica que considera a corporeidade uma categoria teológica permanente.

Palavras-chave: Quadrilátero wesleyano brasileiro – Estudo de gênero – Criação – Método teológico – Hermenêutica.

Gender studies and theological method: corporeity and androcentrism as permanent subjects of the Brazilian Wesleyan Quadrilateral

Abstract

The present paper discusses the potential of the Brazilian Wesleyan Quadrilateral theological method in relation to gender studies, under special consideration of the creation category. With its integration in the 1980s, the Brazilian Wesleyan quadrilateral became a tool to overcome androcentric theologies and to develop a hermeneutics that understands corporeity as a permanent theological category.

Keywords: Brazilian Wesleyan Quadrilateral; Gender studies; Creation; Theological method; Hermeneutics.

Estudios de género y método teológico: corporeidad y androcentrismo como asuntos permanentes del cuadrilátero wesleyano brasileño

Resumen

El artículo analiza el potencial del método teológico llamado cuadrilátero wesleyano brasileño en relación con el estudio del género, con una consideración especial de la categoría de

* Doutor em Ciências da Religião, professor na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo.

la creación. Mediante su integración en los años 1980, el cuadrilátero wesleyano brasileño se convierte en una herramienta para superar teologías androcéntricas y desarrollar una hermenéutica que ve la corporeidad como una categoría teológica permanente.

Palabras clave: Cuadrilátero wesleyano brasileño; Estudios de género; Creación; Método teológico; Hermenéutica.

Introdução

Neste pequeno ensaio gostaríamos de fazer a ponte entre os estudos de gênero e a proposta do método teológico wesleyano designado “quadrilátero”. Acreditamos, entretanto, que não se trata de uma questão restrita a um grupo religioso brasileiro relativamente pequeno. Primeiro, por causa da dimensão ecumênica do método chamado “quadrilátero”. Nos últimos anos ele ganhou certo respaldo em discussões intraeclesiais (TAVARD, 1992, p. 153-170; KIRCHNER, 1998, p. 139; KIMBROUGH, 2003, p. 164-165; em português: MATIOS, 2008, p. 204-206), tanto em círculos ecumênicos como até evangélicos (BLOESCH, 2005, p. 208; ISSLER, 2005, p. 235) e na exegese de gênero como “interpretação reconciliadora” (PEDERSEN, 2006, p. 172). Segundo, por causa de sua dimensão latino-americana – o método recebeu justamente pela teologia metodista brasileira uma nova dimensão altamente significativa para todos/as que desenvolvem sua teologia numa perspectiva de gênero: a inclusão contínua do aspecto da criação no método teológico. Infelizmente, o significado dessa contribuição latino-americana para a questão do gênero nunca foi explicitado, o que faz falta, num primeiro lugar, na própria Igreja Metodista, na qual a questão do gênero não está plenamente ausente, mas certamente sem a atenção desejável. Em nosso “corpo” eclesial, não nos aprofundamos de forma contínua sobre as questões do masculino e feminino, da opressão, da exclusão e de suas possíveis contribuições.

Assim, este exercício de vincular a questão do gênero de forma mais direta a um método teológico fundamental em vigor representa uma proposta de mostrar que a perspectiva do gênero não deve ser ignorada por aqueles/as que queiram se manter “fiéis” ao próprio propósito metodológico. Pelo contrário, a questão do gênero torna-se um aprofundamento e uma qualificação necessários do próprio método e, dessa forma, evidencia ainda mais seu potencial vivificador, libertador e orientador. Em seguida, pretendemos familiarizar as leitoras e os leitores da revista *Estudos de Religião* com a discussão sobre o método chamado “quadrilátero”. Num segundo momento, relacionamos com este método um discurso teológico que contempla a perspectiva da corporeidade e que supera discursos teológicos androcêntricos.

O quadrilátero original como método teológico mediador ou conciliar

Na teologia sistemática¹ do “quadrilátero”, fala-se hoje em sentidos distintos. Primeiro, o conceito descreve, na tradição anglicana ou episcopal do chamado quadrilátero de Chicago-Lambeth (1886 e 1888), a base para a unidade da comunhão anglicana e da Igreja Cristã (em perspectiva anglicana)². Uniram-se, lado a lado,

- o princípio *sola scriptura*³,
- o símbolo ecumênico da fé, o Credo Niceno-Constantinopolitano, ao lado do credo principal do Ocidente, o Credo Apostólico;
- a compreensão protestante dos meios principais da graça, sendo eles o batismo (de crianças) e a Santa Ceia;
- e o acento anglicano quanto ao governo da Igreja, o episcopado.

Com a descrição desses elementos indispensáveis que devem ser observados para possibilitar uma comunhão plena com o anglicanismo, agregou-se, paralelamente, ao conceito do quadrilátero a distinção entre o essencial e o periférico, expressão típica anglicana de sua *via media* que requer uma contínua interpretação de cada um de seus elementos e da relação entre eles.

Quase cem anos depois, o teólogo metodista Albert Outler (1980 [1964], p. 28; 1985, p. 7-18) introduziu o conceito do quadrilátero para descrever o método teológico de John Wesley (1703-1791), *spiritus rector* do movimento metodista no século XVIII. Basicamente, tratava-se da observação que Wesley teria acrescido⁴ à clássica tríade anglicana “Bíblia, tradição e razão”⁵ – um “método”, a princípio, já formulado por Richard Hooker (1554-1600) – a experiência como quarto elemento (HAYS, 1997, p. 209-213)⁶.

O conjunto desses quatro elementos, entretanto, não é exatamente novo.

¹ Na exegese pode-se usar também um quadrilátero semântico (EGGER, 1994, p. 96-106).

² 1. As Santas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos como a Palavra revelada de Deus; 2. os Credos Niceno e Apostólico como a declaração suficiente da fé cristã; 3. os sacramentos do batismo e da eucaristia celebrados com as palavras e os elementos usados por Jesus Cristo na última ceia; 4. o episcopado histórico, como símbolo da unidade cristã.

³ *Sola scriptura* é, formalmente, um *ablativus instrumentalis*. A tradução correta é “somente por meio de” ou “somente com”, e não “somente a”. Que um sentido exclusivo não fosse adequado sugere também o uso paralelo ao lado de *Sola Gratia, Sola Fide, Solus Christus* e, às vezes, ainda, *Soli Deo Gloria*. Isso transparece também na tradução de *sola fide* por “pela fé”. Finalmente, confere o uso dos credos nas igrejas da reforma.

⁴ Talvez seja melhor dizer “mais explicitado”. Concordamos com Hays (1997, p. xxx) que a teologia anglicana trata da experiência contemporânea a partir da razão.

⁵ Cf. a proposta também trilateral do presbiteriano Charles Briggs (Bíblia, igreja, razão) ou a proposta católica do Vaticano II (escritura, tradição, magistério).

⁶ Cf. o católico George H. Tavard (1992, p. 156-157), que trata a compreensão anglicana e metodista num só capítulo: “The quadrilaterals”.

Ele representa até hoje, em um número considerável de textos, a combinação chave para descrever as fontes e normas da dogmática (OLSEN, 2002, p. 67; KOSTLEVY, PATZWALD, 2001, p. 275; AHEARN, GATHJE, 2005, p. 33-38) e da ética (MAY, 2008, p. 124-125; AHEARN & GATHJE, 2005, p. 33-38; HAYS, 1997, p. 213), sem ser chamado “quadrilátero”. Assim, mantém-se um tema discutido em perspectivas pós-modernas (THOBABEN, 2006, p. 99-134; DOWNING, 2008, p. 119) e guias “populares” de teologia (COSBY, 2001; JOYNER, 2004, p. 33-40; SAWYERS, 2006, p. 112-115)⁷.

Esta apreciação ampla e em parte também entre grupos ecumênicos, foi certamente intuído desde o início por Albert Outler. De fato, em 1964 ele propunha uma releitura ecumênica da teologia metodista pela afirmação de suas supostas raízes ecumênicas (cf. também WILLIAMS, 1960). A teologia metodista dialogava com a história da reforma (Bíblia), o catolicismo tridentino (Bíblia e tradição) e, como já vimos, o anglicanismo (Bíblia, tradição, razão), dando continuidade a estas tradições de forma integradora e com o propósito de oferecer, como contribuição específica, uma ênfase na experiência e na práxis religiosas no cotidiano.

Tabela 1: O quadrilátero original e os métodos teológicos na ecumene

Elemento	Bíblia	Tradição	Razão	Experiência
Protestantismo				
Catolicismo				
Anglicanismo				
Metodismo				

Assim, o papel ecumênico do metodismo a partir da década de 1950 foi entendido como herança em comum com o anglicanismo. Nesta perspectiva, o metodismo entendia-se como ponte entre as tradições e, de certo modo, como uma força dinamizadora no coral das igrejas⁸. Apesar de Outler lecionar nos EUA, temos aqui a ênfase da escola inglesa da teologia metodista e sua ênfase nas suas raízes anglicanas. Mas foi nos EUA que esta perspectiva

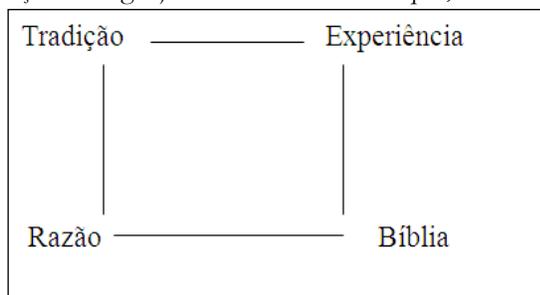
⁷ Joe R. Jones (2002, p. 113-115) varia. Em discussão com o quadrilátero wesleyano, propõe como quatro elementos a Bíblia, a tradição, o aprendizado contemporâneo e o saber das culturas do passado e do presente.

⁸ Wesley, assim como o pietismo alemão, pensava primeiro em reformar a Igreja. Mas, diferentemente dele, foi além e cogitou também a reforma da nação. Em sua história da Igreja Cristã, porém, a – na época breve – história do movimento metodista era de tal modo posicionada no fim dos quatro volumes que parecia o cumprimento de todas as promessas sobre a Igreja Cristã.

passou de método acadêmico a base eclesiástica. Isso aconteceu na unificação da Igreja Metodista Episcopal com a Igreja dos Irmãos Unidos, tornando-se Igreja Metodista Unida em 1968. A partir daqui foi identificado como proposta de um método teológico institucional. Na época, o objetivo era criar uma proposta que unisse as diversas tendências existentes na nova Igreja. A sugestão era construir a identidade eclesiástica esclarecendo as fontes e normas de sua teologia, estabelecendo e garantindo os espaços de todos, por meio de uma descrição dinâmica da relação entre estes aspectos. Assim, a primeira versão tinha a seguinte forma:

Tabela 2: O quadrilátero original de 1968

Foi esta a situação na Igreja Metodista Unida que, na América Lati-



na, mantinha laços mais estreitos com as Igrejas Metodistas da Bolívia, do Uruguai e da Argentina, apesar de estas serem hoje igrejas independentes e nacionais. As outras tradições metodistas acolheram a proposta de forma diferente. Enquanto no metodismo inglês ela não foi além de um uso informal, o metodismo brasileiro, também uma Igreja nacional desde 1930 e saindo da Igreja Metodista Episcopal Sul, a acolheu e contextualizou significativamente a partir da década de 1980.

Antes de isso acontecer, iniciou-se nos Estados Unidos uma longa discussão que levou à polarização entre uma perspectiva liberal – a Bíblia como uma entre quatro autoridades ou critérios do discurso teológico – e uma perspectiva mais tradicional, até conservadora – a Bíblia como “a [única]” fonte do discurso teológico. Aqui, entretanto, apareceram outras tensões também mais clássicas. O quadrilátero é um método teológico e, por isso, está relacionado com a discussão sobre o magistério teológico ou sobre a questão de quem é, em última instância, responsável pela doutrina no corpo eclesiástico. Concordamos com Tvard (1992, p. 157) que nesta perspectiva a diferença principal entre as propostas católica, anglicana e metodista é que o

metodismo favorece a autoridade conciliar em vez da autoridade pessoal, ou seja, episcopal, arce-episcopal ou papal. Não é por acaso que o quadrilátero anglicano e a tríade do Vaticano II são referidos como elementos essenciais ao episcopado ou ao magistério⁹. Já na tradição metodista, as questões do método teológico não pertencem aos especialistas, sejam eles líderes eclesiásticos/as ou acadêmicos/as, mas a todas as mulheres e todos os homens que compõem o corpo eclesiástico. Numa perspectiva conciliar protestante, entretanto, a ênfase na Bíblia não foi um mero elemento conservador, mas revolucionário ou, no mínimo, reformador.

A “reforma” do quadrilátero: o trilátero como método teológico mais protestante – e conservador

Como resultado das divergências, entrou em vigor, em 1988, uma reformulação da proposta original nos documentos eclesiásticos da Igreja Metodista Unida (United Methodist Church, 1988). Como já dissemos, além da discussão sobre a compreensão da razão e da experiência¹⁰, tinham sido especialmente questionados o papel e o peso das Escrituras no raciocínio teológico. Obviamente, os quatro elementos, quanto à questão das fontes e normas da teologia, não estavam no mesmo nível. A crítica maior era a compreensão da Bíblia como fonte e norma da teologia somente entre outras. Mesmo assim, resistia também a vertente mais conservadora da teologia wesleyana com tendência a isolar a Bíblia do contexto e manter os quatro elementos juntos. Nessa perspectiva, a *sola scriptura* também não era entendida como “somente” a Escritura, mas como “por meio”¹¹ dela¹². Atrás dessa proposta moderada de reconsideração estava a noção de que ênfases unilaterais em qualquer um dos quatro elementos poderiam levar ao fundamentalismo, ao tradicionalismo, ao racionalismo ou à supervalorização

⁹ Quanto a Igreja Metodista no Brasil a observação de Tvard somente vale parcialmente. Os Cânones dela falam de uma igreja episcopal com estrutura representativa, não de uma igreja conciliar com sistema episcopal (CÂNONES, 2007, artigo 5).

¹⁰ Quanto à discussão do gênero em relação ao quadrilátero metodista, a experiência é também uma categoria importante. Cf. Toru Takahashi (2005, p. 124-125) que relaciona “a ênfase na experiência como categoria religiosa” e “a expansão de liderança religiosa feminina” na sua discussão do quadrilátero metodista. Veja também Richard Hays (1994, p. 3-47) em relação à orientação sexual: a tradição geralmente condena práticas fora do padrão cultural, a razão não vai além da constatação de uma ambiguidade ou incerteza (discussão sobre a origem biológica ou social da orientação) e somente a categoria da experiência garante, radicalmente, espaço para a diversidade. Cf. também Higgs (2009) que discute todos quatro aspectos.

¹¹ Esta é a tradução correta desse *ablativo instrumentalis*. Tampouco significa *sola fides* “somente a fé”, mas, “*pela*” ou “*por meio da fé*”.

¹² Usa-se, às vezes, também *prima scriptura* em vez de *sola scriptura*.

da experiência religiosa de forma individualista. Por outro lado, a Bíblia era valorizada na tradição, de tal modo que na proposta de 1968 ela não parecia adequadamente representada. Assim, a proposta inicial foi reformulada, dando ênfase especial à importância das Escrituras.

Figura 1a: O quadrilátero reorganizado de 1988



O quadrilátero inicial de 1968 foi transformado, em 1988, numa tríade (THORSEEM, 1990, p. 71). Apesar disso, manteve-se na Igreja Metodista Unida a designação “quadrilátero”. Pensando-se numa pirâmide com três lados, esta designação até se justificaria, entendendo-se a Bíblia como base:

Figura 1b: O quadrilátero de 1988



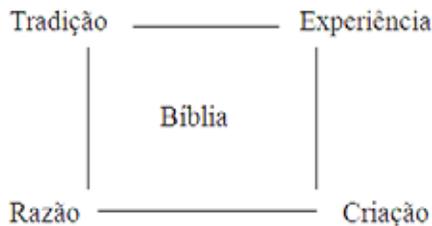
Entretanto, esta compreensão não se distinguiria muito mais da proposta de 1968. De fato, o grupo mais conservador continua dividido também quanto à “tríade”, sem se tratar de um bloco monolítico. De um lado há, por exemplo, teólogos pentecostais como Winfield H. Bevins (2005) que exploram a segunda versão do quadrilátero de uma forma ampla e, especialmente, “antifundamentalista”. De outro há metodistas, como alguns representantes do *Good News Movement*, que gostariam de abandonar todo o projeto do quadrilátero e voltar a sustentar o discurso sobre as normas teológicas ou a autoridade, numa mistura entre *sola scriptura*, no sentido de “somente as

Escrituras”, e os artigos de religião, que sustentam esta ênfase.

O quadrilátero brasileiro: a questão do gênero e a superação do antropocentrismo

Durante a fase de discussão, entre 1968 e 1988, o método do quadrilátero chegou também ao Brasil. Entretanto, parece-nos que nenhuma das duas versões da Igreja Metodista Unida foi acolhida. Pelo contrário, optou-se por uma versão própria. Quanto à forma original, observa-se que a apropriação brasileira contemplava diretamente a centralidade da Bíblia, mas sem sinais de expressar, por meio disso, uma opção por um posicionamento conservador. Isso não surpreende muito, considerando-se a alta apreciação do texto bíblico na época da formulação do método por meio de leituras libertadoras, tanto na perspectiva do evangelho social, como na da teologia da libertação, inclusive, atualmente, numa perspectiva fenomenológica contemporânea (JOSGRILBERG, 2008, p. 80). Nesta opção brasileira não se articulava um biblicismo semelhante ao do *Bible Belt* estadunidense, mas, sim, a experiência libertadora das leituras populares do CEBI e das Comunidades Eclesiásticas de Base. Parece-nos que esta diferença contextual não é suficientemente percebida fora do País. Isso fica ainda mais evidente quando se inclui na reflexão a contribuição de um elemento adicional introduzido no Brasil: o elemento da criação.

Figura 2: O quadrilátero brasileiro consolidado por volta de 1985



Parece-nos que esta inclusão foi consolidada, no mínimo, por volta de 1985¹³. Nesta época encontramos, na maioria dos casos, leituras clássicas:

Cremos que as maravilhas da criação podem contribuir para nosso conheci-

¹³ Desde 1985 este tema aparece como material de escola dominical. Os cinco elementos são, primeiro, considerados caminhos para se “conhecer Deus” (IGREJA METODISTA, 1985, p. 54-72), depois, um pouco mais abstrato, “as fontes do nosso conhecimento religioso” (IGREJA METODISTA, 1985 p. 5-10) e, finalmente, trata-se de “fontes da verdade bíblica” (SIQUEIRA, 1995, p. 13-16). Talvez a diminuição do número de páginas – 18-5-3 – seja um sinal da sedimentação ou de sua expectativa.

mento de Deus. [...] Aceitamos o compromisso de guardar e cuidar do mundo criado que Deus nos confiou. Cremos que a criação é uma expressão de Deus mesmo e que esta criação na sua totalidade aguarde a redenção final do Criador amoroso. (IGREJA METODISTA, 1985, p. 70).

“Podem contribuir” ainda não é muito enfático. Já em 1988 afirma-se: “Pela criação do mundo, Deus se revela como poderoso, inteligente e pleno de amor” (IGREJA METODISTAB, 1988, p. 9). Ainda em 1993 dá-se continuidade às ideias bases de 1985 e 1988:

Por último, cabe destacar que Wesley estava totalmente convencido de que era possível, pela observação da criação, reconhecer a glória divina (cf. Sl 19.1), de que algum conhecimento de Deus poderia ser alcançado, por analogia, por intermédio do estudo da natureza. Além disso, o conhecimento advindo dessa fonte conta com uma vantagem adicional: ele pode ser compreendido, de imediato, por todas as pessoas independentemente de seu nível de instrução ou da língua que fala. “O livro da natureza foi escrito em caracteres universais e qualquer homem pode lê-lo na sua própria língua.” Não obstante, Wesley reconhece que, à parte da revelação, esse conhecimento é insuficiente para nos comunicar a correta compreensão da essência de Deus e de seu propósito para o mundo. Desse modo, o naturalismo é rechaçado como via exclusiva de acesso à verdade teológica. (SOUZA, 1993, p. 17).

A compreensão da criação como “segundo livro” da revelação de Deus é, de fato, uma leitura dos Pais da Igreja e medieval. E, segundo Souza, foi a proximidade da teologia natural católica que levou talvez ao esquecimento dessa ênfase:

Por que o conhecimento oriundo da criação tem sido excluído na interpretação do pensamento de Wesley? Sem dúvida, uma das razões reside no fato de que esse tipo de questão normalmente é compreendido e logo descartado como reivindicação a favor de uma teologia natural. Entretanto, não podemos ignorar que Wesley demonstrou profundo interesse pela natureza e mesmo pela ciência. (SOUZA, 2003, p. 84-85).

Quanto à “teologia natural” – de fato ainda um conceito antropocêntrico –, podemos afirmar que a compreensão de John Wesley sobre o caráter universal da graça divina em combinação com sua ênfase na graça preveniente acabou por se tornar quase uma proposta “paralela” à compreensão católica de uma teologia natural. Na perspectiva wesleyana, nenhum ser humano é

incapaz do conhecimento de Deus, entretanto, isso resulta da graça divina, mediante a graça preveniente. Diferentemente da tradição agostiniana, não se trata da graça irresistível ou da autonomia “natural” da razão. Num ponto, entretanto, Souza avança. Em artigo mencionado (2003, p. 80) tinha explicado a ênfase na criação como algo capaz de superar o antropocentrismo, sem, entretanto, discutir as questões hermenêuticas relativas ao quadrilátero. Gostaríamos de dar continuidade a esta questão.

Tabela 3: O quadrilátero brasileiro de 1988

Elemento	Bíblia	Tradição	Razão	Experiência	Criação
Protestantismo					
Catolicismo					
Anglicanismo					
Metodismo					
Metodismo brasileiro					

A Bíblia é uma narrativa criada e, assim como a tradição, relaciona-se com a memória. Memória, experiência e razão são exercícios humanos, sejam eles coletivos ou individuais. Ler a Bíblia somente a partir da tradição humana, da experiência humana ou por meio da razão humana não preserva nossa hermenêutica de uma leitura antropocêntrica, mas contribui, provavelmente, pelo contrário, à sua “blindagem” antropocêntrica: focalizando os três conceitos perdemos a perspectiva além de nós. A inclusão no método teológico, mais especificamente na hermenêutica bíblica, da criação como critério, abre nossos olhos a uma perspectiva pluricentrista.

A ênfase na criação, porém, quer mais do que garantir a inteligibilidade da fé. Dialogamos em outro artigo com a citação de Souza: “A interpretação da criação por Wesley, como testemunho da sabedoria, justifica certamente esta visão. Nesta perspectiva, a criação não é somente alvo e espaço da salvação, mas também meio da graça divina” (RENDERS, 2006, p. 58).

A proposta brasileira, por um lado, continua dando atenção especial à centralidade da Bíblia como narrativa fundante do cristianismo; entretanto, abre novas frentes. Enquanto a ênfase na centralidade bíblica poderia ser considerada uma tendência tradicional – e assim foi eloquentemente criticada pelos teólogos e teólogas da proposta da Igreja Metodista Unida de 1968 –, ela descreve o novo elemento da criação como um compromisso abundante que ultrapassa facilmente afirmações teológicas clássicas, tanto liberais como conservadoras. Na perspectiva brasileira, as duas perspectivas, tanto a de

1968 como a de 1988, precisam superar seus inerentes antropocentrismos. O clássico confronto estadunidense entre posições da teologia liberal e da teologia “fundamentalista” (Cf. RENDERS 2009, p. 87-107) não é pano de fundo da criação do quadrilátero wesleyano brasileiro, e, sim, as demandas da práxis religiosa no cotidiano. Isso nos leva a mais duas observações.

O quadrilátero brasileiro, a questão do gênero e o desafio do androcentrismo

Além da questão do enfrentamento do antropocentrismo no método teológico e na hermenêutica bíblica, abrem-se ainda mais frentes de debate. Em um material didático (RENDERS, 2008, p. 22), apresentamos recentemente dois outros aspectos da inclusão da criação no método teológico: uma possível ênfase na corporeidade e o questionamento não apenas do antropocentrismo, mas também do androcentrismo. Gostaríamos de registrar que estes temas já apareceram em uma reflexão sobre o quadrilátero em 1995, porém de forma mais implícita e sem o uso do termo “quadrilátero”. Assim afirmou Tércio Siqueira Machado (1995, p. 15): “O mundo criado: [...] Para Wesley, Deus criou o mundo, a natureza, homem e mulher. [...] Ele criou o ser humano como espírito e corpo” (grifos do autor). Podemos dizer que o quadrilátero brasileiro não somente ampliou o horizonte da exegese, mas a exegese bíblica fortaleceu também o discurso em favor do quadrilátero brasileiro. Na direção indicada por Siqueira, acreditamos que a ênfase na criação leva ao questionamento do androcentrismo ao lado do antropocentrismo. A inclusão da categoria da criação criou uma perspectiva muito mais pluricêntrica, o que desafia tanto o antropocentrismo como o androcentrismo¹⁴.

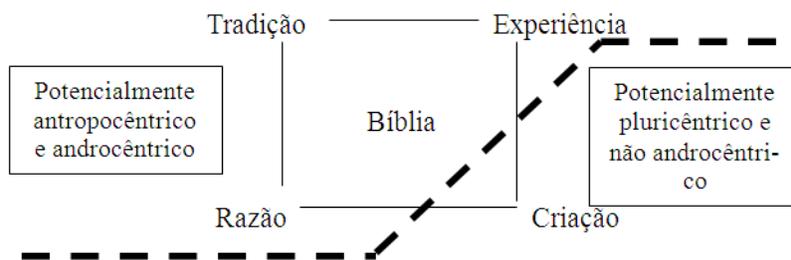


Figura 3: O quadrilátero brasileiro e seu potencial pluricêntrico

¹⁴ E, se for o caso, também o ginocentrismo.

Dessa forma, o acento na criação fortalece também o discurso de gênero – aqui entendido como uma perspectiva que discute tanto os aspectos femininos como os aspectos masculinos do ser humano em relação – em dois sentidos: a relação entre o masculino e o feminino e a relação entre o masculino e feminino diante da criação. Quanto à primeira, a pluricentralidade leva ao questionamento de qualquer atitude de dominação ou opressão, de desconsideração de direitos e de deveres, não somente quanto às relações externas, mas, também internas da humanidade. O androcentrismo é uma forma de relação de gênero opressora e equivocada que impossibilita uma teologia e práxis religiosa sustentável. Somos criação e somos seres humanos, como mulheres e homens. À nova apreciação da “mãe terra” na teologia sustentável, inclusive por teólogos (SUSIN, 2008), corresponde a valorização das relações vivificadoras e a denúncia das relações mortificadores entre mães, filhas, viúvas, avós e pais, filhos, viúvos e avós. Subentende-se que a renovação das relações entre a humanidade e seu *habitat* precisa contemplar as relações de gênero. Voltando à questão do método em uso na tradição wesleyana: se a inclusão da “criação” intuiu, potencialmente, uma teologia sustentável ou a sustentabilidade da teologia, isso só será possível sob a contemplação paralela das questões de gênero. O equilíbrio dinâmico do quadrilátero jamais se encontrará em teoria e práxis sem a contribuição tanto da teologia feminista como da teologia mulherista (*womenist theology*).

O quadrilátero brasileiro, a questão do gênero e a ênfase na corporeidade...

A inclusão da criação abre outro espaço para o diálogo. Enquanto os três elementos – tradição, razão e experiência – são potencialmente mentalistas, a inclusão da criação oferece a inserção e a presença contínua do tema da corporeidade. Somos parte da criação; somos corpo. Sem corpo não existimos em espaço e tempo. Teologia da criação é teologia corporal e a “encarnação”, o início do relato da salvação. Deus se torna salvador do mundo somente como corpo. A própria eternidade é caracterizada por um ato corporal: o comer e o beber. E se o Reino de Deus não pode ser resumido ao comer e beber, ele é certamente de justiça e paz. A paz e a justiça sempre envolvem corpos, nunca se resumem a meras ideias.

Assim, o método quadrilátero incorpora o convite a fazer teologia a partir da experiência corporal, tornando-a assunto e fonte do saber teológico. “Corpos não mentem”, disse Mary Hunt em janeiro em Belém (2009) e, “Como teólogos e teólogas, nossa tarefa não é somente a procura do sentido, mas fazer as mudanças acontecerem. Nossos corpos também não devem mentir”, ou seja, o distanciamento da verdade começa com a abstração, inclusive

religiosa, das realidades vivenciadas por nossos corpos. Caminho, verdade e vida estão relacionados na tradição cristã e documentados por nossos corpos, que não somente temos, mas somos.

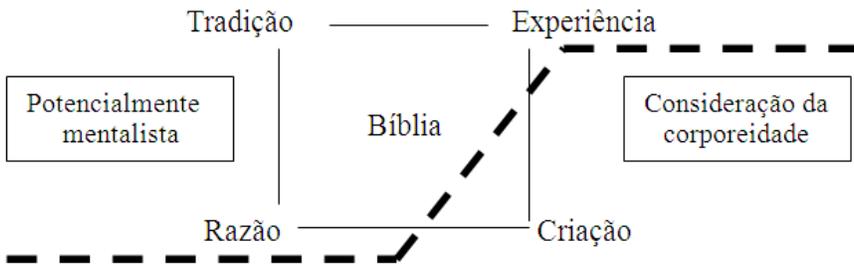


Figura 4: O quadrilátero brasileiro e seu potencial antiandrocentrista

Considerações intermediárias

Acreditamos que as duas características da perspectiva do gênero aqui mencionadas – a superação do androcêntrismo e a consideração da categoria da corporeidade – são inerentes e integráveis ao método quadrilátero, em especial na sua forma wesleyana brasileira. Isso é importante tanto para a exegese como para a teologia sistemática. O elemento da criação é sustentado pela exegese bíblica e, ao mesmo momento, desafia perspectivas antropocêntricas ou androcêntricas. A questão do gênero tampouco deveria ser marginal na tradição wesleyana, como o tema da criação.

O quadrilátero brasileiro abre novas possibilidades para o diálogo dentro da tradição wesleyana e além. Não haverá sustentabilidade, justiça e paz na terra sem uma perspectiva que considere as questões de gênero. Os teólogos e teólogas que atuam na América Latina sob inspiração do quadrilátero wesleyano precisam interagir com as perspectivas de gênero. E, quem sabe, a descoberta do ser humano-corpo levará também a novas e diferenciadas apreciações da igreja-corpo-de-Cristo que estejam, no momento, ainda além do nosso horizonte de esperança.

Referências bibliográficas

- AHEARN, D. O.; GATHJE, P. R. (Eds.). **Doing right and being good: Catholic and Protestant readings in Christian ethics.** Collegeville: Liturgical Press, 2005. 288 p.
- BEVINS, W. H. A Pentecostal appropriation of the Wesleyan quadrilateral. **Journal of Pentecostal Theology**, v. 14, n. 2, p. 229-246 (2005).

_____. **The pneuma foundation:** resources for spirit-powered ministry. Disponível em: <[http://www.pneumafoundation.org/article.jsp?article= /article_0060. xml](http://www.pneumafoundation.org/article.jsp?article=/article_0060.xml)>. Acesso em: 20 jun. 2009.

BLOESCH, D. G. **A Theology of Word and Spirit:** Christian Foundations. Nottingham: InterVarsity Press/IVP, 2005.

CAMPBELL, T. The “Wesleyan Quadrilateral”: the history of a modern Methodist myth. **Methodist History**, v. 29, n. 2, p. 87-95, jan. 1991.

COSBY, M. R. Using the Wesleyan quadrilateral to teach biblical studies in Christian liberal arts colleges. **Teaching theology and religion**, v. 4, n. 2, p. 71-80, 2001.

DOWNING, C. **How postmodernism serves (my) faith:** questioning truth in language, philosophy and art. Nottingham: InterVarsity Press, 2008. [119 = base no quadrilátero].

EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento.** São Paulo: Loyola, 1994.

GUNTER, W. S. et al. (Eds.). **Wesley and the Quadrilateral:** renewing the conversation. Nashville, TN: Abingdon Press, 1997.

FREE METHODIST CHURCH OF SANTA BARBARA. Disponível em: <F:\Artigos e livros\Textos em elaboração\BRA\Quadrilátero e Gênero\Quadrilátero artigos\Free Methodist Church - Quadrilateral.htm>. Acesso em: 20 jun. 2009.

HAYS, R. B. **The moral vision of the New Testament:** community, cross, new creation. A contemporary introduction to New Testament ethics. Edinburgh: T & T Clark, 1997. xviii + 508p.

_____. Awaiting the redemption of our bodies. In: SIKER, Jeffrey S. (Ed.). **Homosexuality in the Church:** both sides of the debate. Louisville: Westminster John Knox, 1994. p. 3-47.

HIGGS, T. K. **Hospitality to strangers:** the Wesleyan Quadrilateral and homosexual people. These by Doctor of Ministry. Sewanee, Tennessee: May, 2009. Disponível em: <<http://dspace.nitile.org/bitstream/handle/10090/9440/HiggsHospitality2009SOT.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 dez. 2009.

HUNT, M. E. **Bodies don't lie:** a feminist theological perspective on embodiment. Palestra proferida no FÓRUM MUNDIAL DE LIBERTAÇÃO [21-25 jan. 2009]. Disponível em: <<http://www.wftl.org/pdf/063.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

IGREJA METODISTA. **Cânones 1997.** São Paulo: Cedro, 2007.

IGREJA METODISTA. Conhecendo a Deus... “pelas Escrituras”. **Em Marcha:** exemplar do professor, ano 58, n. 2, p. 52-55 (2º quadrimestre 1985).

IGREJA METODISTA. Conhecendo a Deus... “na experiência pessoal”. **Em Marcha:** exemplar do professor, ano 58, n. 2, p. 56-59 (2º quadrimestre 1985).

IGREJA METODISTA. Conhecendo a Deus... “pela criação”. **Em Marcha:** exemplar do professor, ano 58, n. 2, p. 68-72 (2º quadrimestre 1985).

IGREJA METODISTA. Conhecendo a Deus... “pela razão”. **Em Marcha:** exemplar do professor, ano 58, n. 2, p. 60-63 (2º quadrimestre 1985).

IGREJA METODISTA. Conhecendo a Deus... “pelos ensinamentos da igreja”. **Em Marcha:** exemplar do professor, ano 58, n. 2, p. 64-67 (2º quadrimestre 1985).

- IGREJA METODISTA. As fontes do nosso conhecimento religioso. **Em Marcha**: estudos doutrinários do metodismo, p. 5-10 (2º quadrimestre 1988).
- ISSLER, K. **Desperdiçando tempo com Deus**: espiritualidade ou amizade com Deus? Trad. João Guimarães. Porto Alegre: Naós, 2005. 200 p.
- JOSGRILBERG, R. S. A constituição do sujeito ético. **Caminhando**, v. 13, n. 21, p. 73-84, 2008.
- JOYNER, F. B. **Being Methodist in the Bible Belt**: a theological survival guide for youth, parents and other confused Methodists. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2004.
- JONES, J. R. **A grammar of Christian faith**: systematic explorations in Christian life and doctrine. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2002.
- KIMBROUGH, JR., S. T. **Orthodox and Wesleyan scriptural understanding and practice**. Crestwood, NY: St Vladimir's Seminary Press, 2003. 33 p.
- KIRCHNER, H. K. **Wort Gottes, Schrift und Tradition**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998. 175 p. (Bensheimer Hefte n. 89).
- KÖRTNER, U. H. J. Dogmática como exegese consequente? Sobre a relevância da exegese para a teologia sistemática em conexão com Rudolf Bultmann. **Estudos Teológicos**, v. 49, n. 1, p. 58-78, jan.-jun. 2009.
- KOSTLEVY, W.; PATZWALD, G.-A. **Historical dictionary of the Holiness movement**. Lanham: Scarecrow Press, 2001. 307 p.
- MATTOS, A. S. de. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- MAY, R. H. Discernimento moral: uma introdução à ética cristã. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2008. 128 p.
- OLSEN. **The mosaic of Christian belief**: twenty centuries of unity and diversity. Nottingham: InterVarsity Press, 2002. 367 p.
- OUTLER, A. C. **John Wesley**. New York: Oxford University Press, 1980. [1ª edição 1964].
_____. The Wesleyan quadrilateral – in John Wesley. In: **Wesleyan Theological Journal**, v. 20, n. 1, p. 7-18, primavera 1985.
- PEDERSON, R. **The lost apostle**: searching for the truth about Junia. San Francisco, Cal.: Jossey-Bass, 2006. 288 p.
- RENDERS, H. A teoria da imagem como chave de leitura das representações do divino e as crises eclesiais contemporâneas: uma introdução. **Caminhando**, v. 11, n. 17, p. 47-60, jan.-jul. 2006.
_____. A nova criação como tema transversal da teologia wesleyana. In: **Desenvolvimento Pastoral**: curso de teologia. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p. 21-29.
_____. O fundamentalismo na perspectiva da teoria da imagem: distinções entre aproximações iconoclastas, iconófilas e iconólatras às representações do divino. **Estudos de Religião**, Brasil, v. 22, p. 87-107, 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/174/184>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

- SAWYER, M. James. **The survivor's guide to theology**. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2006.
- SCHENK, K. **Quadrilateral Thoughts**. Disponível em: <<http://kenschenck.blogspot.com/2009/07/1-born-at-time-and-place-1.html>>. Acesso em: 20 jun. 2009.
- SIQUEIRA, T. M. O jeito de Wesley interpretar a Bíblia: fontes da verdade bíblica. **Em Marcha**: em que se firma a nossa fé. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1995, p. 13-16.
- SOUZA, J. C. Um modo de fazer teologia equilibrado, dinâmico e vital. **Caminhando**, v. 4, n. 1 [6], p. 9-20, 1993.
- _____. Criação, nova criação e o método teológico na perspectiva wesleyana. In: CASTRO, Clovis Pinto de (Org.). **Meio ambiente e missão: a responsabilidade ecológica da Igreja**. São Bernardo do Campo: Umesp/Editeo, 2003. p. 67-88.
- SUSIN, L. C. Mãe Terra que nos sustenta e governa – por uma teologia da sustentabilidade. **Ciberteologia**: Revista de Teologia & Cultura, ano IV, n. 17, p. 35-47, mai./jun. 2008.
- STONE, H. W.; DUKE, J. O. **How to think theologically**. Augsburg Fortress, 1996. 128 p.
- TAVARD, G. H. **Church, community of salvation: an ecumenical Ecclesiology**. Collegeville: Michael Glazier Books, 1992. 264 p. (New Theology Studies, v. 1).
- TAKAHASHI, T. Changing female religious leadership in Christianity: a case study of American Methodism. **Journal of the Interdisciplinary Study of Monotheistic Religions** (JISMOR), v. 1, p. 117-134, fev. 2005. Disponível em: <<http://www.cismor.jp/en/publication/jismor/documents/takahashi.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2009.
- THOBABEN, J. R. Holy knowing: a Wesleyan epistemology. In: CHERRY, Mark J. (Ed.). **The death of metaphysics; the death of culture: epistemology, metaphysics and morality**. New York: Springer, 2006, p. 99-134. 279 p.
- THORSEN, D. A. D. **The Wesleyan quadrilateral: Scripture, tradition, reason and experience as a model of evangelical theology**. Nappanee, Indiana: Evangelical Publishing House, 1990. 334 p.
- UNITED METHODIST CHURCH. Doctrine and doctrinal standards. In: **The Book of Discipline of the United Methodist Church**. II. Nashville, TN: s/e, 1972. p. 32-73.
- UNITED METHODIST CHURCH. Doctrinal standards and our theological task. In: **The Book of Discipline of the United Methodist Church**. II. Nashville, TN: Graded Press, 1988. p. 40-81.
- WILLIAMS, C. W. **John Wesley's theology today: a study of the Wesleyan tradition in the light of current theological debate**. Nashville, TN: Abingdon Press, 1960.
- YRIGOYEN, C. Quadrilateral. In: YRIGOYEN, C; WARRICK, W. E. **Historical dictionary of Methodism**. 2. ed. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2005. p. 251-252.